

Ponto

29 / I / 1981

p. 1

p. 2

Editorial :

Fundação Cuidar o Futuro sacristias

p. 5

Garandy elogia Pintadas: lgo





PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Gabinete do Primeiro Ministro

Fundação Cuidar o Futuro

semanário
à 5ª feira

Director ABEL PEREIRA

ponto

ANO I - N.º 13 - 29 DE JANEIRO DE 1981 - PREÇO 20\$00

CÂMARA/PETROGAL

Cambalacho de 12 milhões!

● RUI CARTAXANA INVESTIGOU, CONFIRMOU E CONTA ATÉ AO PORMENOR A NEGOCIATA DAS BOMBAS DE GASOLINA DA AVENIDA DUARTE PACHECO

PAG. 7

Contrabando: O fabuloso negócio

● A REPORTAGEM QUE CESAR DA SILVA TROUXE DO LADO ESCURO DA FRONTEIRA DO LEGAL...

PAGS. 12 e 13

Fundação Cuidar o Futuro



Vítor Santos: um jornalista ao ataque

● NA GRANDE ÁREA DE UMA PROFISSÃO APAIXONANTE, NO CAMPO DE JOGO DE UM JORNAL EXEMPLAR, O ENCONTRO, NA ENTREVISTA, DO CHEFE DE REDACÇÃO DE «A BOLA» COM O PONTO DE LANÇA DE O PONTO, DE SEU NOME BAPTISTA-BASTOS

CENTRAIS

**BOICOTE
AO
IMPOSTO
ÚNICO...**

PAG. 11

Lourdes Pintasilgo vista por Garaudy



**Maneira
cristã
de viver
a política**

PAG. 5

**ROGER
GARAUDY
POUR
L'AVÈNEMENT
DE LA
FEMME**

ALBIN MICHEL



O LEITOR A DAR CARTAS

O redactor vence o chefe

Na sequência de tenaz peleja, o calmeirão da chefia concedeu, ao humilde distribuidor de cartas, nesta banca onde a batota é impensável, um pouquinho mais de tréguas-quer-se dizer: altaneiro (com o ar de quem dispõe de um *fullen d'ases*), lá concedeu mais espaço e, displicente, foi dizendo «aguenta-te com esse e passa pra cá um tornedó». Resmungando e remoendo sinistras palavras de vindicta, o redactor murmurou, num latinório de trazer p'la trela: «Vae victus». Como quem diz: «Ai dos vencidos!» E por aí foi, sardónico e miope, lendo, comentando, gozando à ufa com o cartame. Lá vai, lá vai ele...

TÍTULOS, REMATES E MURROS

O nosso jornalismo é de remate à baliza, servindo-nos das palavras como de um edifício para fazer espectáculo. Eis a terminologia que surge, tumultuosa e futebolística, neste momento, à meninge do redactor de faxina. O Manuel dos Santos Fernandes, estudante universitário, de Lisboa, entenderá as armas deste brasão, porque, na heráldica dele, também como na nossa, a esquerda é para avançadas prudentes mas lúcidas.

Obrigaducho pelos comentários. Inteligentes, ó amigão Santos Fernandes; um porém, tão-só: parte das suas sugestões estão contidas nos números de o *ponto* até agora publicados. As outras estão em agenda. Com

que então, você também gosta do tom e do estilo de «O Leitor a dar Cartas»? Inda bem: olhe que que não tá só. Quanto às manchetes, aos títulos puxavantes, adiantamos um princípio, articulado por alguém que foi um grande mestre do jornalismo: «Os títulos são os murros que os jornalistas dão nos leitores». Salvo seja, a simbologia está certa. Esta é uma sociedade de consumo: a esquerda tem de saber utilizar os métodos, para obter outros fins - que não os que a direita serve e bajula. Tá? Mas você é daqueles leitores barilos, porreiros, que não está em conflito com a inteligência, nem hipotecado à sensaboria. E cá dos nossos; por isso, abrações.

LEU o ponto DE PONTA A PONTA

A comovedora carta, de Beja recebida, é assinada por Maria Cláudia Ernesto, a Micá, que, por acaso (não por sinal, por acaso mesmo) travou conhecimento com o *ponto* - quando pedira para lhe comprarem um outro semanário. Ficou tão satisfeita com este que nunca mais ad-

quire o outro; é o que diz a Micá. E mais adianta: «Li-o de uma ponta a outra e adorei. Depois, chorei, deu-me para chorar, e sabem porquê? Pela maravilhosa entrevista com o Pitum, mais propriamente por me trazer notícias daquele querido Moçambique, e também por inveja,

de o saber lá, a desfrutar tudo quanto eu poderia beneficiar, neste momento, mas por não compreender eu, por outra, por não ter sabido compreender a revolução, por ser uma dessas pessoas que não tiveram coragem de abdicar do supérfluo, vivo, agora, esta vida agitada em Portugal, com tudo e tudo e sem nada de nada». A Micá, que nos atrai: «Muito obrigada pelo vosso trabalho, e continuem a fazer o vosso jornal acessível a quem tem pouca paciência para ler e dificuldade em compreender textos difíceis» - diz-nos que lhe resta uma consolação, depois de, precipitadamente, ter deixado Moçambique: «Acordei a

tempo de, pelo menos, ensinar os meus quatro filhos a compreenderem melhor a vida». Sem omissões ou rasuras, a fim de não roubar a singeleza (admirável) do significado da carta da

Micá, daqui lhe enviamos um gordo beijão. Merece a pena recebermos um prémio destes: é que ele reflecte possuir o nosso trabalho colectivo, de uma

equipa que enverga a camisola da Liberdade, endereços certos com objectivos exactos. Força, Micá, ensine aos seus miúdos a bela disciplina da tolerância, no curso (complidado, é certo, mas muito belo) que é o de existirmos livres.

POEMAS FRACOTES E ABRAÇÕES

Ramiro Marques, os poeminhos que enviou são fracalhões, não leve a mal a franqueza pontual. Repense, atire-se a melhor, remaneje e remanche o que outros fizeram antes de si - e, depois, mande mais. Um dia destes vamos ao Entroncamento, onde o companheiro reside, só para lhe darmos um bravíssimo abra-

ção pelas palavras magníficas com que nos envolveu de bela temperatura humana. Nós não desistimos, embora (pode você crer) haja por aí muito peralta que faça preces a S. Nicolau para nos ver soçobrar. Andamos cá com uma força na musculatura que nem queira saber. Dê-nos mais cartas, ahn?

DEMOCRACIA E TACADINHAS

Vem de Corroios (Almada) a prosa com estampilha de Sérgio Almeida. Dá uma tacada no artigo do eng.º Fonseca Ferreira, «Mudar de vida, desde já...», faz um par de elogios (embora reticentes em certos aspectos) ao dr. Mário Soares, afirma-se militante socialista, diz que o *ponto* é um jornal do camandro e termina desta forma: «A democracia precisa do PS, o PS de Mário Soares, e, sem ele, o Partido poderia vir a ser um montão de...»

clarificação: os pontos, que também caminham por este mundo de Cristo, não alimentam, é bom de ver, a ideia inquietante de contribuir para uma (impossível) pulverização do PS. Que é fundamental para a democracia portuguesa, corroboramos. Mas que o PS, assim como o PC, precisam, de quando em quando, de uma tacadinha, olhe que precisamos! Ser de esquerda não significa, necessariamente, ser imune à crítica de esquerda; pelo contrário. É o mínimo irredutível para isso. Subalternação, beatitude, sim-sim - somos contra.

EDITORIAL

A vingança dos sacristães

● PONTO

Nesta edição, o *ponto* revela extractos de um capítulo do livro «Pour l'Avènement de la Femme» («Para a Ascensão da Mulher»), de Roger Garaudy, no qual o famoso filósofo e sociólogo francês elogia a acção do governo Pintasilgo e as características intrínsecas de um movimento moral baseado na dessacralização do Poder e numa leitura «feminista» dos Evangelhos. Como todas as reflexões de Garaudy, este ensaio de cento e setenta e seis páginas caracteriza-se por um visionamento original da sociedade nossa contemporânea e o tentame de dar globalidade às esperanças de milhões de homens, calafetados, adiados ou simplesmente proscritos por ideários, sistemas, práticas que se reclamavam da felicidade, como princípio, e da liberdade, como fim absoluto.

O caso Pintasilgo é paradigmático, mas, infelizmente, não é único. Figura de grande prestígio internacional, com trabalhos de exegese social-cristã discutidos e comentados nos areópagos onde a cultura não constitui um arbitrio ou uma palavra desprovida de significado, objecto e sujeito de teses em Universidades estrangeiras, citada por homens como Jean Piaget, recentemente falecido, ou por altas figuras da Igreja como Dom Hélder Câmara - Maria de Lourdes Pintasilgo, por mesquinho e injustificável espírito de vindicta, está (ao que parece) condenada a viver entre o esquecimento compulsivo e o abuso desusado do poder de uma burguesia, a qual, como diz Garaudy, não tem espírito de fé e deixa falar mais alto a voz de classe, do que a voz cristã. O «pecado» maior de Lourdes Pintasilgo, cujas opiniões são escutadas com respeito nos meios internacionais, foi o de «inaugurar uma maneira cristã de viver a política», ou, diríamos nós, a de dar expressão às queixas e sonhos dos descamisados.

Pode um governo, como o da AD, afinal legitimamente colocado no Poder, permitir-se ao luxo de votar ao ostracismo, insistir em colocar nas trevas uma portuguesa ilustre, que, ainda por cima, se reclama dos valores mais nobres e mais altos do cristianismo? Pode um governo permitir-se a responsabilidade histórica de - quem sabe? - fomentar, estimular ou procriar um caso semelhante ao de Maria Helena Vieira da Silva, a quem a obstinação cega de Salazar colocou na contingência (que ela mesma define como «dramática») de ter de optar pela nacionalidade francesa? E pode o nosso País (porque nunca devemos confundir razões de Estado com razões de Pátria), na sua globalidade cultural, deixar que, eventualmente, Maria de Lourdes Pintasilgo o troque, ao nível profissional - mas, sobretudo, em termos morais? Uma figura da envergadura da ex-primeiro-ministro constitui um património colectivo, é pertença de um estar, de um saber, de um agir fundamentalmente portugueses. Não queiramos que se torne aforismo degradante aquilo que, em relação a Maria de Lourdes Pintasilgo, Roger Garaudy cita como tendo sido a designação de um jornalista ateu: a vingança dos sacristães.

ponto

Rua da Atalaia, 185-1.º
1200 LISBOA
Telefs. 368602/368607/368615

Desejo assinar o *ponto* durante:

- 1 ANO (52 números) 1 040\$00
- 6 MESES (26 números) 520\$00
- 3 MESES (13 números) 260\$00

ENVIO, NESTA DATA, A RESPECTIVA IMPORTÂNCIA EM CHEQUE VALE DE CORREIO

NOME

MORADA

LOCALIDADE CÓDIGO POSTAL

PROFISSÃO TELEFONE

DATA DE INICIO / /

Propomos-lhe uma boa maneira de poupar tempo e, conseqüentemente, dinheiro. E, por outro lado, oferecemos-lhe aquele mínimo de comodidade que você precisa: ser-lhe-á desnecessário procurar o *ponto* nos locais de venda, sem qualquer garantia de que não esteja já esgotado. A nossa proposta, a nossa oferta, é a de o fazer nosso ASSINANTE, nas condições que lhe indicamos no cupão aqui junto. Um cupão que bastará preencher, recortar e colar até num postal, endereçando-o à RUA DA ATALAIA, 185-1. - 1200 LISBOA.

UMA NOVA FORMA DE INFORMAR

Propriedade da EDIPONTO - SOCIEDADE EDITORA DE PUBLICAÇÕES «O PONTO», SARL

Administração, Redacção e Publicidade: RUA DA ATALAIA, 185-1.º - 1200 LISBOA - Telefones: 36 86 02 (Direcção e Chefia da Redacção) • 36 86 15 (Administração e Publicidade) • 36 86 07 (Redacção e Maquetagem).

Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL - Rua Luz Soriano, 48 - 1200 LISBOA.

Distribuição: DIJORNAL - Rua Joaquim António de Aguiar, 66-t/c - Telef.: 66 97 83/4 - 1200 LISBOA.

Corpo redactorial: ABEL PEREIRA (director); ACÁCIO BARRADAS e ÂNGELO GRANJA (chefes de Redacção); JACINTO BAPTISTA (redactor principal); BAPTISTA-BASTOS (chefe de reportagem); ANTONIO GIL, CESAR DA SILVA, FILINTO LAPA, JOAO GARCIA, JOAO PAULO DE OLIVEIRA, JOSÉ LEITE PEREIRA, NELSON VEIGA, PEDRO CID, RODRIGO PINTO, RUI CARDOSO, RUI CARTAXANA e SENA SANTOS (redactores); EURICO VASCONCELOS (reporter fotográfico); EDMUNDO TENREIRO (direcção gráfica); JOAO OLIVEIRA e LUIS T. DIAS (maquetistas).

Colaboradores: AFONSO BAPTISTA DE CARVALHO, ALICE VIEIRA, ALVARO PEREIRA, ANA PAULA CORREIA, ANDRIOS DELFOS, ANTONIO CAPELA, ANTONIO CAPINHA, ANTONIO VITORINO, ARTHUR VIANA NETO, BERNARDINO COELHO, C. FRÓIS DE FIGUEIREDO, CARLOS ABREU, CARLOS OLIVEIRA, CARLOS PINHAO, CAROLINA DE OLIVEIRA,

CECILIA BARREIRA, DANIEL RIBEIRO, DOMINGOS LOPES, ECO NOLMISTA, FERNANDO PITEIRA SANTOS, FRANCISCO NICHOLSON, GUIHERME GRAÇA, HELENA CIDADE MOURA, ISABEL MARNOTO, JOAO FREIRE, J. J. DELGADO DOMINGOS, JACINTO GAMEIRO, JOAO MEDINA, JOAQUIM FURTADO, JOSÉ ANTUNES, JOSÉ FLECHA, JOSÉ MATOS-CRUZ, JOSÉ REGUILA, JÚLIO CONRADO, LUÍS CASANOVAS, LUÍS COIMBRA, LUÍS JOYCE-MONIZ, MAGALHÃES MOTA, MANUEL ALEGRE, MANOEL BARBOSA, MANUEL GERALDO, MANUEL SÉRGIO, MARIA HELENA MAFRA, MARIA JOAO FERNANDES, MARIA DE LURDES PINTASILGO, MARIO BRÓCHADO COELHO, NUNO BREDERODE DOS SANTOS, PAULO NOGUEIRA, PEDRO ALVIM, RAUL CALADO, URBANO TAVARES RODRIGUES, VIALE MOUTINHO, VITAL MOREIRA, VITOR FERREIRA.

Publicidade: MANUEL RICARDO.

Garaudy elogia Pintasilgo

● REDACÇÃO

Poucos sabem (em Portugal, é claro); e, dos que sabem, alguns estabeleceram o silêncio na cumplicidade. Mas o ponto revela: um livro de Maria de Lourdes Pintasilgo, «Les Nouveaux Féminismes», editado há poucos meses, em França, nas prestigiosas Editions du Cerf, corre o risco de se transformar num relevante acontecimento cultural. Analisado, discutido, comentado pela imprensa, pela rádio, pela televisão, este trabalho, que Roger Garaudy considera «um livro fundamental que marca uma data pela maneira própria com que trata o problema» (da condição da mulher na sociedade nossa contemporânea), encontra o deliberado e repugnante esquecimento dos meios de comunicação social portugueses. Ao que parece, o nome de Maria de Lourdes Pintasilgo surge como um anátema, as suas reflexões como uma aposta, a sua prática cívica como uma indignidade — exactamente para aqueles que trazem o credo na boca, mas que o Cristo expulsaria do Templo, como farisaicos vendilhões.

Há duas semanas, Roger Garaudy, mestre-de-pensamento, grande figura da cultura francesa, cristã e marxista, como ele próprio se assume, filósofo, antropólogo e sociólogo de renome, cuja obra tem vindo a influenciar sucessivas gerações, fez publicar um largo ensaio, «Pour l'avènement de la femme», («Pela Ascensão da Mulher»), Editions Albin Michel, no qual se refere, largamente, à acção e ao pensamento políticos de Maria de Lourdes Pintasilgo. Aludindo à circunstância de os cinco meses de governo de Maria de Lourdes Pintasilgo ser

NUM POLÉMICO E FASCINANTE LIVRO PUBLICADO HA DUAS SEMANAS EM PARIS, ROGER GARAUDY, GRANDE FILÓSOFO E SOCIOLOGO FRANCÊS, CRITICA O APARELHO DA IGREJA POR NAO TER APOIADO O GOVERNO PINTASILGO E COMENTA: «O ESPIRITO DE CLASSE FALOU MAIS FORTE DO QUE O ESPIRITO DE FE — O BURGUÊS MAIS FORTE DO QUE O CRISTÃO.»

um tempo excessivamente curto «para se realizar uma forma nova de sociedade e, mesmo, para se desenvolver, simplesmente, um «projecto». Garaudy assinala que a engenharia foi chamada ao Poder e, «cristã exterior aos partidos, deu um rosto à esperança da Revolução dos Cravos e de todas as forças que a tinham realizado, atraindo, assim, um ódio feroz de todos os nostálgicos do passado».

Acentua Roger Garaudy: «É possível, mesmo neste curto período, inferir, do seu comportamento político, o que poderia ser portador de uma «feminização» da política; quer dizer: não somente de uma mudança das instituições, mas de uma mutação da vida, de uma metamorfose das relações entre o Poder e os cidadãos. Um primeiro traço relevante dessa política regista-se através das decisões tomadas e das leis promulgadas. Ao invés das diligências habituais dos Poderes, que consistem em negociar, antes de tudo, com as grandes forças organizadas, aquelas que detêm uma capacidade de reivindicação e de pressão (partidos, sindicatos, Igrejas, grupos industriais ou agrícolas), o governo Pintasilgo orientou a sua acção para as camadas populacionais que não possuem

poder de reivindicação ou de pressão: os idosos, os diminuídos, as crianças. Todo um sistema de segurança social de base foi criado (e que beneficiou dois milhões de portugueses) para aqueles que não podiam reclamar-se de nenhum «direito» ou de nenhum poder impositivo das suas reclamações».

Assinalando que uma atitude de tal natureza «altera, radicalmente, as tradições do poder político», Roger Garaudy acentua o carácter de dessacralização do Poder e do seu ritual que essa acção determinava, conduzindo «ao fim do dualismo entre o Poder que impõe ou que «dá»: o cidadão não existe para o Poder, assim como o homem não é feito para o trabalho ou para a economia, mas o trabalho e a economia para o homem. O que também é posto em causa é o próprio fundamento das nossas sociedades: a finalidade do poder político, do trabalho, da economia. O direito de ser protegido pela sociedade, independentemente da sua relação com o trabalho. O direito, para a criança, a essa protecção, independentemente das funções exercidas pelos seus pais. Isto supõe que o Estado não é distribuidor de presentes e que se lhe não deve nenhum reconheci-

mento, mas que cada uma das suas funções é só uma resposta às questões levantadas por todos, a título meramente humano».

«Uma das figuras de proa da Revolução dos Cravos, Melo Antunes, foi direito ao essencial desta acção, e disse, referindo-se a Maria de Lourdes Pintasilgo, que ela revelava, através de uma política, a intimidade com as coisas e com as pessoas. Toca no interior de si mesma, cada pessoa sentia-se mais próxima dos centros de decisão e não hesitava em exprimir-se e em participar. Uma tal política de esperança exige um esforço permanente de «descentralização». Eis uma das marcas distintas desse período «feminino» em Portugal».

Explanando, pormenorizadamente, os métodos de intervenção política de Pintasilgo, as suas viagens pelo País, as suas reconfortantes palavras de esperança, Roger Garaudy escreve: «Pintasilgo não fez uma «política cristã». Não existe, na História, política cristã, salvo por abuso do termo, hipocrisia ou mentira. Mas esta é a maneira irracional de viver a política. Antes de tudo, dessacralizando-a, porque só a

transcendência pode relativizar tudo: o Poder, o dinheiro, ou, mesmo, as nossas orgulhosas sabedorias. (...) Inaugurar uma maneira cristã de viver a política, não é clericalizá-la, é humanizá-la. A aproximação cristã do Poder, por Maria de Lourdes Pintasilgo, não é outra coisa senão uma maneira plenamente humana de governar. Que o aparelho da Igreja lhe não tenha dado o seu apoio, e tenha permitido que a direita tradicional paralisasse a experiência, é uma ocasião histórica perdida, não somente para os católicos portugueses, como, também, para todos aqueles que tentam dar à política a dimensão da fé. Uma vez mais, na História, para o aparelho da Igreja e para milhões daqueles que esse aparelho influencia e que se querem católicos, o espírito de classe falou mais forte do que o espírito de fé — o burguês mais forte do que o cristão».

«Meditando, hoje, naquilo que Maria de Lourdes Pintasilgo só pôde esboçar, em poucos meses, perguntamo-nos o que poderia ter sido, para além dos séculos de hegemonia patriarcal unilateral, uma leitura «feminina», quer dizer, plenamente humana, do Evangelho de Jesus da Nazaré».

Escusado será salientarmos a vivíssima importância e a actualidade premente deste belo livro de Roger Garaudy. Do qual, certamente, a imprensa portuguesa fará tombar nas sombras do esquecimento. O ponto dá a nota e a informação, recomendando a sua leitura (para quem sabe francês) e a sua tradução por um editor que queira participar, culturalmente, na grande polémica do nosso tempo, e na qual Portugal desempenha, ainda hoje e apesar de tudo, um papel significativo.

PERGUNTAR OFENDE?

— Porque será que o dr. Paulo Mendo chegou de novo a secretário de Estado da Saúde, depois de ter sido considerado um submarino do PC pelos próprios médicos socialistas, aquando da formação do I Governo Constitucional? Terá sido porque é amigo de longa data do ministro Carlos Macedo, ou tratar-se-á, pura e simplesmente, de uma retribuição pelo facto de o dr. Paulo Mendo ter apoiado a candidatura de Soares Carneiro, nas recentes eleições presidenciais?

— Agora, que vamos ter serviço telefónico automático para o Brasil, já vai ser possível saber quanto custaram as telenovelas a este País sem dinheiro para supérfluos?

— Os táxis vão passar a ser mais caros de noite porque os motoristas vão começar a receber subsídio nocturno, ou será para compensar os taxistas dos prejuízos sofridos com os assaltos de que continuam a ser vítimas?

— Será verdade que a Lei de Bases da Habitação está a ser feita pelo ministro da Habitação, Luís Barbosa, e que, apesar de fazer parte do programa do Governo, poderá ser apresentada ao Parlamento pelo CDS, dependendo a decisão da forma como, na altura, estiverem as relações Balsemão//Freitas do Amaral?

— Agora, que a RDP resolveu acabar com o Programa 2, já será altura de recordar e homenagear D. João da Câmara, que foi, durante anos, o grande e categorizado dinamizador da «clássica»?

— E porque será que numa empresa (a RDP) em que a generalidade dos trabalhadores ganha menos, bastante menos, de vinte contos, o chefe Jorge Cobanco tem para receber hoje um total de 60 502\$00, dos quais mais de 45 contos em horas extraordinárias? Será por a RDP estar em situação económica tão difícil que a quemer deixar de fora na revisão contratual dos jornalistas?

PONTO POLÍTICO

As forças armadas e o poder

● PEDRO CID

Após o 25 de Novembro, impunha-se reconquistar para as Forças Armadas a cadeia do comando hierárquico tradicional e restaurar a disciplina no seu seio. Essa foi a contribuição dada e exigida por uma certa direita militar e alguns coronéis não comprometidos, somada à necessidade que esses requisitos impunham para a normalização democrática do País.

Mas as coisas evoluíram um tanto rapidamente. E, embora as espadas não tilintassem, não faltaram por aí, ao longo deste conturbado período de transição (e quem diz que ele está no fim?...), e em particular nos últimos seis meses, reuniões parcelares, alargadas a civis, restritas ao segredo de quem nelas participou. Reuniões que tinham quase sempre uma componente política e laivos acentuados de conspiração. Era a extrema-direita que se agitava, consciente de que a extrema-esquerda militar, tinha sido, como foi, liquidada em 25 de Novembro. Hoje como ontem, o perigo, está nos extremos...

A direita militar cresceu, mas encontrou pela frente um conjunto de circunstâncias que lhe não permitiu ir tão longe como desejava. Apesar de tudo, con-

quistou privilégios e posições de relevo, numa segunda linha e em alguns gabinetes ministeriais.

Para conquistar mais, e sobretudo para conquistar o poder, a direita militar, não tendo condições para se impor, necessitava de encontrar um chefe militar, que pela via do sufrágio directo consolidasse e legitimasse uma certa opção, uma certa filosofia política, um certo poder militar.

Em 7 de Dezembro, essa direita militar, portadora de um sonho que tem pouco a ver com a democracia, foi derrotada, pela segunda vez, sob o ponto de vista eleitoral. A partir daí, o general Ramalho Eanes detinha, vitorioso que foi, toda a legitimidade para proceder às mudanças que entendesse. A cobardia administrativa, um dos apanágios mais característicos da vida castrense, é muito mais forte do que quaisquer ranger de dentes de protestos, logo abafados na garganta. Anteontem, Eanes passou-se no meio dos coronéis e dos generais. Foi no salão nobre do Estado-Maior do Exército e, no perfil civilista do (ainda) chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, era bem perceptível a noção do triunfo. De modo que esse pequeno passeio quase se poderia comparar a um autêntico beija-mão. De Eanes se esperariam deci-

sões cuidadas, ponderadas e analisadas e discutidas na sede própria. A nomeação de Garcia dos Santos surge, porém, essencialmente com um indicador preocupante e subjacente, que é o reforço do poder pessoal, que é a colocação de uma pedra-chave num local estratégico, dias antes da nomeação de um oficial-general que ganhará a quarta estrela na véspera de passar à reserva e por isso terá direito a ficar no activo por mais três anos. Um oficial-general que, independentemente das suas qualidades militares, já esteve duas vezes à beira de ganhar essa quarta estrela (tão importante para os generais) e que por duas vezes a viu fugir. Um general que, indo ocupar dentro de dias o mais importante cargo da hierarquia militar, se vê constrangido (ao menos nominalmente) a trabalhar com a equipa de chefes de Estado-Maior, que outro, o seu antecessor, lhe impôs. Ainda aqui, e também, um indicador de reforço do poder pessoal. Por isso, tendo o Conselho da Revolução perdido algumas das suas virtudes pontenciadoras e criadoras, tendo-se o general Ramalho Eanes começado a refugiar num tipo de conversação e de debate razoavelmente estânque, não admira que, mesmo entre aqueles que o

apoiam, comece a surgir uma crítica e um receio. E esses lembram que o peronismo não é apenas um fantasma, embora alguns fantasmas tenham sido determinantes no mais recente comportamento político do dr. Mário Soares.

Há dias, Melo Antunes deitava algumas novas achas no debate político, nesta fase de pré-debate da revisão da Constituição. E dizia que as Forças Armadas se devem subordinar «ao poder democrático». Anteontem, Eanes falava na subordinação ao poder político legítimo. São duas concepções semelhantes, que têm de encontrar o fio condutor numa filosofia política própria, cujo debate e cujos alicerces nem sequer estão ainda implantados. E o debate tem de decorrer num estado de simbiose: a sociedade civil e o seu ramo militar, que são as Forças Armadas, têm de encontrar o ponto de equilíbrio.

E aqui que o papel do general Ramalho Eanes é determinante, mas em ordem a que, à teoria das palavras e dos conceitos, se acrescente um comportamento consentâneo. Não basta falar em compromisso com a democracia. É preciso provar que não se joga na degradação da sociedade política, no desentendimento entre as forças partidárias, nem se pro-

jecta o ressuscitar de um certo cesarismo, incomportável para quem tem já provas dadas na sociedade democrática que ajudou a construir e de que é, apesar das reticências, ainda uma trave mestra.

As reflexões ficam aqui esboçadas na sua intencionalidade específica, de alguém, que tendo as mãos livres de compromissos, tem a noção exacta da gravidade do que se põe à consciência do leitor. Alguém que não confunde o respeito, a disciplina e a hierarquia pela completa submissão ou, até, pela cobardia administrativa. A coragem democrática implica decisões e correcções de fundo. E as coisas não serão facilitadas, com uma retirada, precisamente no momento em que a influência positiva mais se pode fazer sentir, numa conjugação harmónica entre o reconhecimento da vitória e a humildade perante a democracia. Ajustar rapidamente as Forças Armadas. Um comando que modifique estruturas. E uma frase de Eanes. Que não deve ficar como expressão bonita e alegórica de um discurso ou de uma cerimónia. E verdade que foi cumprido um rito castrense. Mas ele não é, só por si, gerador do que há para fazer e nem sequer está idealizado, quanto mais planificado.

